

SABOREANDO O SABER; A AVENTURA INTELECTUAL DE CHRISTINE DE PIZAN NO SEU “CAMINHO DE LONGO ESTUDO”

Luciana Calado (UFPB)



A presente comunicação busca apresentar a obra medieval “*Le chemin de lonc estude*”, escrita em 1402, pela escritora Christine de Pizan (1364-1430), destacando nela a importância concedida ao saber e os laços estreitos entre o caminho da sabedoria e o caminho do prazer. Com a mesma origem no verbo latino *sapere*ⁱⁱ, os termos “saber” e “sabor” andam juntos no processo de conhecimento e de auto-conhecimento dessa mulher medieval, pioneira como escritora e como defensora da causa feminina. Examinaremos nessa obra de 6398 versos a aventura de Christine de Pizan pelo caminho alegórico da sabedoria e a construção de sua imagem de intelectual.

Em um artigoⁱⁱⁱ recente sobre as intelectuais no século XIX, Michelle Perrot chega à seguinte reflexão “se se entende por intelectual ‘um homem ou uma mulher que aplica na ordem política uma notoriedade adquirida fora dela’, na maior parte do tempo pela escrita, pela ciência ou pelas artes, não foram muitas as mulheres no século XIX a corresponder a essa definição”. Que diríamos então da mulher intelectual nos séculos anteriores mesmo ao Renascimento? Somos tentado(a)s, ou diria, condicionado(a)s a responder que a terrível situação na qual se encontravam as mulheres na Idade Média dificilmente possibilitou a existência de intelectuais femininas. Porém, será realmente que elas não existiram, ou a nossa historiografia androcêntrica se encarregou de apagar qualquer pista de legados femininos no âmbito do saber?

Estudos recentes vêm buscando traçar novos caminhos de leitura na tentativa de resgatar presenças históricas esquecidas pela historiografia tradicional, como é o caso da presença feminina, entre outras minorias^{iv}. Em o mesmo momento, pesquisadores medievistas se debruçam na busca de reavaliar a Idade Média estabelecendo uma caracterização diferenciada da concepção pejorativa de “Idade das trevas” pela qual ficou conhecido o período. E esse processo de desconstrução e de refocalização de objeto de estudo é um fenômeno que ainda demandará alguns esforços por parte da comunidade acadêmica e científica no ocidente. No caso das mulheres na Idade Média, dentre os pesquisadores de importante contribuição, citamos Régine Pernoud, Michelle Perrot, Georges Duby, Chrstiane Klapisch-Zuper, Éliane Viennot. Essa última, fazendo uma análise sobre as intelectuais do Renascimento, observa:

As instituições francesas encarregadas de difundir o saber e forjar opinião se esforçam em convencer que os intelectuais constituem uma espécie rara e puramente masculina,

aparecida na Grécia antiga, depois desaparecida, e milagrosamente reaparecida na França do século XVIII. É que a exemplo da guerra e do poder político, o exercício do pensamento foi (e continua sendo) construído como uma especificidade masculina: como uma prova da diferença natural dos sexos, e da aquisição natural unicamente aos homens de certas qualidades, de certas funções, de certos privilégios.^v

Porém a tentativa de excluir a participação feminina da história não é exclusividade da Idade Média, pelo contrário, tal exclusão vem sendo uma constante ao longo das épocas até o impulso do movimento feminista no início do século XX e em seguida a partir dos anos 60 até hoje, conseguir frear um pouco esse reinado androcêntrico.

Na historiografia da literatura, a exclusão se dá não apenas na ausência de textos e biografias femininas nos manuais didáticos e nas antologias literárias, mas também nos critérios de avaliação desses textos, muitas vezes considerados sublitteratura, literatura menor. Daí a necessidade, já salientada em outros estudos como os de Rita Shmidt, Ivya Alves, Ria Lemaire, Zaidée Muzart, Nadilza Moreira, de se procurar categorias próprias de análise e modelos alternativos ao código hegemônico para leitura do texto feminino^{vi}.

A escritora medieval ora em estudo pode nos servir de exemplo como sendo vítima da crítica literária em períodos históricos diferentes. Porém, talvez a avaliação mais áspera sobre a obra de Christine de Pizan tenha vindo já no século XX, por um dos mais conhecidos críticos franceses, Gustave Lanson:

Não nos detenhamos na excelente Christine de Pizan, boa filha, boa esposa, boa mãe, no mais, um dos mais autênticos *bas bleus*^{vii} de nossa literatura, a primeira dessa insuportável linhagem de autoras, que não se esforçam na elaboração de suas obras, e que durante toda a vida concedida por Deus deram provas de sua incansável facilidade, igual à universal mediocridade delas.^{viii}

A obra da escritora também foi alvo de ataques já no auge de sua produção, por alguns intelectuais e personalidades ligadas ao rei, como Pierre Col, e Jean de Montreuil, que, contrários às opiniões da escritora, além de criticar sua obra, pedem, em duas epístolas, para que ela retire as críticas que faz sobre o *Roman de la Rose*, considerado a maior obra literária da contemporaneidade, porém acusado pela escritora de ser uma obra misógina de grandes injustiças acerca da mulher e, portanto, não merecendo ser lido. Tais opiniões trocadas em epístolas, durante três anos, deu início ao debate literário entre Christine de Pizan e intelectuais influentes do seu século, na célebre “*querelle des femmes*”^{ix} (querela das mulheres)”.

Todavia, foi nesse mesmo século XV que a escritora obteve reconhecimento e elogios de homens de renome, como o escritor Eustache Dechamps, o teólogo Jean de Gerson, que estiveram em sua defesa na famosa disputa literária. A admiração de Eustache Deschamps lhe rendeu os seguintes versos:

Muse eloquent entre les IX., Christine,
Nompareille que je saiche au jour d'ui,
En sens acquis et en toute doctrine,
Tu as de Dieu science et non d'autrui;
Tes epistres et livres, que je luy
En pluseurs lieux, de grant philosophie
Et ce que tu m'as escript une fie
Me font certain de la grant habondanse
De ton sçavoir qui tousjours monteplie,
Seule en tes faiz ou royaume de France. ^x

O sentido da educação na obra de Christine de Pizan

Produtora de uma das mais vastas e diversificadas obras^{xi}, Christine de Pizan, a primeira escritora de ofício, foi também iniciadora de um primeiro humanismo nascido da leitura de seus conterrâneos italianos Dante e Boccaccio, contribuindo para a divulgação de suas obras na França. De grande erudição, a escritora cultivava um apreço desmesurado pelo conhecimento. Ao longo de sua obra observa-se a importância do saber e, portanto, da educação, como elemento indispensável à formação humana. Aproximando-se da acepção latina *e-ducere*^{xii}, o sentido da educação vai além do saber adquirido pela ciência, implicando também no saber empírico, tornando capaz de guiar o indivíduo, a partir de um estado inicial julgado insuficiente em direção a um outro considerado superior.

Para Christine de Pizan a educação é também um meio de desalienação feminina, na medida em que ela proporciona o conhecimento da mulher sobre diversificados domínios de interesse, retirando-a do limitado universo de atividades em que o saber feminino estava historicamente predestinado pela sociedade patriarcal. O acesso à educação era, pois, uma das principais bandeiras levantadas pela escritora. Na sua obra mais conhecida, *A Cidade das Damas*, de 1405, Christine reivindica: “Se fosse costume enviar as mocinhas à escola e ensiná-las metodicamente as ciências, como é feito para os rapazes, elas aprenderiam e compreenderiam as dificuldades de todas as artes e de todas as ciências tão bem quanto eles^{xiii}”.

A educação privilegiada que recebeu Christine de Pizan - com acesso à biblioteca real do Palácio do Louvre, onde viveu a partir dos quatro anos quando seu pai, Thomas de Pizan, astrólogo famoso em Bolonha, aceitou o convite do rei Carlos V para vir morar com a família em Paris - fez da escritora uma das personagens das letras mais importantes do século XV na França. Essa representação da figura da intelectual é um tema que aparece com bastante recorrência em toda sua obra, inclusive nas miniaturas dos seus manuscritos.

Le chemin du lonc estude de Christine de Pizan

Erudita e cultivando especial apreço pelo seu país de origem, a italiana de Veneza é a primeira autora a utilizar claramente o modelo utilizado por Dante, na primeira parte da *Divina Comédia*, O Inferno. Antes dela apenas o escritor Philippe de Mézières o havia

citado. Em o *Livre du chemin de lonc estude*, a escritora, inspirando-se na *Divina Comédia*, narra, em aproximadamente 6000 dísticos octassílabos, a sua viagem onírica pelo caminho do estudo, guiada pela Sibila de Cumes. Christine é a protagonista da narrativa, a quem Razão confia a redação dos debates e decisões travados nessa longa viagem. Observa-se a estrutura simétrica das duas obras na relação aprendiz/mestre: Dante/Virgílio; Christine/Sibila. Porém, ao contrário de Dante, que nos primeiros versos da *Divina Comédia*, diz ter perdido o caminho certo – “*Nel mezzo del cammin di nostra vita/ mi ritrovai per una selva oscura/ che la diritta via era smarrita*”-, a escritora, tendo como primeira parada a fonte da Sapiência, segue sempre pelo caminho correto, o caminho de “longo estudo” - reservado exclusivamente aos “letrados”, como explica a Sibila nos versos a seguir: “Este lugar é reservado para aqueles/ que se esforçam em compreender/ e se deleitam em aprender”^{xiv} .

Tal caminho a leva ao céu, ao paraíso-terrestre, conhecendo algumas personagens alegóricas, como a Sabedoria, a Nobreza, a Cavalaria, a Riqueza. É interessante observar a escolha de alegorias exclusivamente femininas para compor a obra da autora. Essa preocupação em criar universos femininos em suas obras contribui para a construção de uma identidade feminina enquanto escritora, que irá culminar dois anos depois com a realização da sua obra maior *La Cité des Dames*, que lhe rendeu, no século XX, o título de “feminista *avant la lettre*”.

Ainda sobre os dois mestres-guias, enquanto a sibila de Cume em *Le Chemin de Lonc Estude* é quem governa a “Fonte de Sabedoria”, Virgílio é apenas um dos poetas freqüentadores do lugar. A superioridade da Sibila se revela ainda nos caminhos escolhidos por ela para levar sua discípula: lugares que fazem aguçar os sentidos, proporcionando à escritora, ao longo da sua viagem intelectual, momentos de prazer olfativo, auditivo, visual. Nos versos 1160-1170, Christine mostra seu contentamento:

Moult m´avez fait grant courtoisie,
Qui a lonc estude menee
M´avez, car je suis destinee
A y user toute ma vie;
Ne jamais je n´aray envie
De saillie hors de ceste voye
Qui a tout solas me convoye.
Ne vueil autre perfeccion ;
C´est toute mon affeccion ;
En cemonde, car a devis
N´est plus deduit, ce m´est avis^{xxvi}

Talvez seja essa sensação de prazer associada ao estudo que leva a escritora a transitar fluentemente por caminhos e passagens descritos em outras obras como tortuosos e de difícil acesso, sempre se contrapondo em relação ao grau de dificuldade encontrada pelos autores, causando, assim, um certo tom humorístico. Além da menção à dificuldade enfrentada por Dante, no seu caminho ao inferno, levado por Virgílio, Christine baseia-se

em outras narrativas conhecidas, como a obra de Jean de Mandeville, “*Voyages*”, em que o autor descreve suas peregrinações que duraram trinta e quatro anos. A pesquisadora Andrea Tarnowisk comenta em nota da tradução francesa do *Chemin de Lonc Estude* o prazer da escritora em anunciar que na companhia da Sibila, não sente dificuldades. Desse modo, tudo parece fácil, rápido e prazeroso na narrativa christiniana:

- “un jour ne me sembloit une heure”v. 1173 (um dia não parecia durar uma hora);
- “sans estre de rien engrigee» v. 1177 (sem nenhum empecilho);
- “sans avoir mauvais heberge” v. 1182 (sem ter feito nenhuma parada errada)
- “Et dedens les desers entrames/ D’Arabe, ou a .xii. journees/ Jusqu’au mont Sinai finees, Mais nous y meismes moins d’espaces./Et non obstant que la ne passe/ Ame qui ne porte son vivre/ Sus chameulx, nous tout a delivre / Y passames sans fain ne soy, Et sans denier porter sur soy ; » v. 1332-1340 (E adentramo-nos nos desertos da Arábia, onde é preciso doze dias inteiros para chegar até o Monte Sinai, mas chegamos em menos tempo. E, apesar de nenhuma alma passar por lá sem carregar camelos com seus alimentos, passamos livremente sem fome, nem sede, sem precisar levar dinheiro)

Outro recurso utilizado pela escritora De Pizan a fim de estabelecer sua autoridade como escritora, encontrado em várias passagens da obra, são os julgamentos da Sibila e das figuras alegóricas a seu respeito, dando prova de confiança na sua inteligência, no seu saber. Na passagem sobre a aparição da Sibila, observa-se o desejo de imortalidade da escritora através do seu legado intelectual:

Fille, Dieux te vueille tenir
En paix d’ame et de conscience
Ou ta condicion t’encline ;
Et ains que vie te decline,
En ce t’iras tant deduisant
Que ton nom sera reluisant
Aprés toy par longue memoire ^{xvii}

Tais recursos valeram a Christine de Pizan renome e reconhecimento pela sua dedicação e busca do saber, fazendo da escritora uma intelectual que surpreendeu sua época e continua a nos surpreender, seis séculos mais tarde. É através do *Chemin de Longue Estude*, obra que introduz a poetisa da saudade^{xviii} nas narrativas de ordem expressamente política, que a escritora toma conhecimento do sabor e do poder do saber. E é essa percepção do sabor que será responsável pela construção da representação de Christine enquanto intelectual consciente do seu papel na sociedade. No final do livro, a credibilidade da dama alegórica Razão na escritora a torna mensageira divina na terra, intervindo em favor da paz entre os homens. Consciente de tal poder, Christine de Pizan parece estender seu papel de mensageira para um domínio ainda obscuro, o da defesa das mulheres, construindo seu saber conjuntamente com sua identidade feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALADO, Luciana. **A Cidade das Damas: A construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e tradução.** [Tese de doutorado defendida na UFPE, 2006].
- CARAFFI, Patrizia (org.). **Christine de Pizan : una citta per sé.** Roma: Carocci, 2003.
- DESCHAMPS, Eustaches. **Obras completas.** Edição de A. H. E. Marquis de Queux de Saint-Hilaire e G. Raynaud. Paris: SATF, 1878-1903. 11 vol.; Reimpressão : New-York :Johnson Reprint Corp, 1966.
- LEMAIRE, Ria. Expressões femininas na literatura oral. (Trad. Dioneia dos Santos Lages). In: BERND, Zilá & MIGOZZI, Jacques (org.). **Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- PIZAN Christine. **Le chemin de longue étude.** Edição crítica do manuscrito Harley 4431, com tradução, apresentação e notas de Andrea Tarnowski. Paris: Librairie Générale Française, 2000.
- PIZAN, Christine. **La Cité des Dames.** Tradução e apresentação de Eric Hicks e Thérèse Moreau. Paris: Stock/Moyen Age, 1985.
- RIBÉMONT, Bernard (ed.). **Sur le chemin delongue étude... Actes du colloque d'Orléans, julho 1995.** Paris, Champion, 1998.
- LANSON, Gustave. **Histoire de la littérature française.** Paris: Hachette, 1909.
- RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel. **Intellectuelles ; Du genre dans l'Histoire des intellectuelles.** Bruxelas : Éditions Complexe, 2004.
- SHMIDT, Rita. “Cânones e contra-cânone: nem aquele que é o mesmo, nem este que é o outro”. In: CARVALHAL , Tania Franco. **O discurso crítico na América Latina.** Porto Alegre: IEL/Ed. Unisinos, 1996.
- LEMAIRE, Ria. Expressões femininas na literatura oral. (Trad. Dioneia dos Santos Lages). In: BERND, Zilá & MIGOZZI, Jacques (org.). **Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- RIVERA GARRETAS, Maria-Milagros. **Textos y espacios de mujeres; Europa siglos IV-XV.** Barcelona: Icaria, 1990.

ⁱ - Miniatura do manuscrito Harley 4431– século XV.

ⁱⁱ - SAPERE (sápío, sápiil, sápuí): ter o cheiro de algo e cheirar a algo; ter sabor de; perceber o sabor de; ter inteligência, ser sábio; prudente; ter gosto, bom juízo(em cousas da arte).

ⁱⁱⁱ -PERROT, Michelle. “Les intellectuelles dans les limbes du XIXe. siècle”. In.: RACINE, N. TREBITSCH, M. *Intellectuelle: Du genre en histoire des intellectuels.* Bruxelles: Éditions Complexe, 2004, p101-102.

^{iv} Ver a esse respeito a riquíssima bibliografia da historiadora Michelle Perrot.

^v “*Les institutions françaises chargées de dispenser le savoir et de forger l'opinion s'évertuent en effet à faire croire que les intellectuels constituent une espèce rare et purement masculine, apparue dans la Grèce antique, puis disparue et miraculeusement réapparue en France au XVIIIe. siècle. C'est qu'à l'instar de la guerre et du pouvoir politique, l'exercice de la pensée a été (et continue d'être) construit comme une spécificité masculine : comme une preuve de la différence naturelle des sexes, et de la dévolution naturelle aux seul hommes de certaines qualités, de certaines foctions, de certains privilèges.*» Eliane Viennot. “*Les intellectuelles de la Renaissance: enjeux et conflits d'une emergence*”. In: RACINE, N. TREBITSCH, M. *Intellectuelle: Du genre en histoire des intellectuels.* Bruxelles: Éditions Complexe, 2004. p.43-44

^{vi}Ver a esse respeito: ALVES, Ivia. *Uma questão conflitante: a categoria do estético na produção de autoria feminina*. Home Page do site amulhernaliteratura.ufsc.br, SHMIDT, Rita. “Cânones e contra-cânone: nem aquele que é o mesmo, nem este que é o outro”. In: CARVALHAL, Tania Franco. *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL/Ed. Unisinos. 1996. P. 115-121; LEMAIRE, Ria. Expressões femininas na literatura oral. (Trad. Dioneia dos Santos Lages). In: BERND, Zilá & MIGOZZI, Jacques (org.). *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 93-123; MOREIRA, Nadilza. A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. UFPB, Editora Universitária, 2003.

^{vii} Expressão utilizada no século XIX para designar uma mulher das letras, empregada pejorativamente pelos conservadores para criticar toda mulher com pretensão literária ou intelectual.

^{viii} - «*Ne nous arrêtons pas à l'excellente Christine de Pisan, bonne fille, bonne épouse, bonne mère, du reste un des plus authentiques bas bleus de notre littérature, la première de cette insupportable lignée de femmes auteurs, à qui nul ouvrage ne coûte, et qui pendant toute la vie que Dieu leur prête n'ont affaire que de multiples preuves de leur infatigable facilité, égale à leur universelle médiocrité.*» In: Gustave Lanson, *Histoire de la littérature française*, Paris: Hachette, 1909, 11ª edição, p.165-166.

^{ix} - Sobre a questão da “querelle des femmes”, ver, por exemplo, RIVERA GARRETAS, Maria-Milagros. *Textos y espacios de muleres; Europa siglos IV-XV*. Barcelona: Icaria, 1990.

^x - “Musa eloqüente entre as IX, Christine, / Inigualável que eu saiba hoje, / em conhecimentos adquiridos e em toda doutrina. / Recebeste de Deus e não de outrem a ciência;/Tuas epístolas e livros, que eu li / Em vários lugares, de grande filosofia / E o que escreveste vale minha confiança / E tenho certeza da grande abundância / De teu saber que sempre multiplica, / És única em teus feitos no reino da França.”

(Eustache Deschamps, *Balade* em resposta a uma epístola de Christine de Pizan datada de 14 février de 1403, em *OEuvres complètes*, éd. A. H. E. Marquis de Queux de Saint-Hilaire e G. Raynaud, Paris, SATF, 1878-1903, 11 vol.; réimp. New-York, Johnson Reprint Corp., 1966, t.VI, p.251-252).

^{xi} - Cent Balades (1396/1399), Rondeaux (1396/1402), La querelle du Roman de la Rose: Épistre au Dieu d'Amours (1399), Dit de la Rose (1402), Épistres du Débat sur le Roman de la Rose (1401-1403), Le Débat Deux Amants (1400), Le Livre des Trois Jugemens (vers 1400), Le Livre du Dit de Poissy (1400), Enseignemens Moraux (1400), Proverbes Moraux (1400), Épistre d'Othea (1400), Le Livre de la Mutacion de Fortune (1403), Livre du Chemin de Long Estude (1403), Livre des Fais et Bonnes Meurs du Sage Roy Charles V (1404), Le Livre du Duc des Vrais Amants (1405), Lettre à Isabeau de Bavière (1405), Avision Christine (1405), Épistre à Eustache Deschamps (1405), Livre de la Cité des Dames (1405), Livre de Trois Vertus ou Le Tresor de la Cité des Dames (1405), Cent Ballades d'Amant et de Dame, Virelyas, Rondeaux (1405), Livre de Prudence (1406), Livre de la Prodhomme de l'Homme (vers 1406), Le Livre du Corps de Policie (1407), Les Sept Psaumes allégorisés (1409), Livre des Fais d'Armes et de Chevalerie (1410), Lamentacion sur les Maux de la Guerre Civile (1410), Livre de la Paix (1413), Épistre de la Prison de Vie Humanie (1416/18), Heures de Contemplation sur la Passion de N.S. (1420), Le Ditié de Jehanne d'Arc (1429).

^{xii} - EDUCERE (edúco, dúxi, dúctum): puxar para fora; mandar sair; levar consigo; produzir; criar; calimentar; educar; construir; levantar.

^{xiii} - «*Si c'était la coutume d'envoyer les petites filles à l'école et de leur enseigner méthodiquement les sciences, comme on le fait pour les garçons, elles apprendraient et comprendraient les difficultés de tous les arts et de toutes les sciences tout aussi bien qu'eux.*» *La Cité des Dames*. p.91.

^{xiv} - Ce lieux est gardé pour ceulx/ Qui sont diligents de comprendre/ Et se delitent en apprendre. (v. 940-942). Tradução nossa.

^{xv}

^{xvi} - Concedestes-me um grande favor/ levando-me a o Longo Estudo/ Pois, estou destinada a me servir dele por toda minha vida/ Nunca mais terei vontade/ De sair deste caminho/ que me leva a tantas alegrias/ Não quero outra perfeição/ Este caminho é toda minha afeição neste mundo/ pois acho que nele os prazeres são tantos

^{xvii} Filha, que Deus te conserve / em paz de espírito, e com tua consciência, / e com o amor que tens pela ciência, / para onde se inclina tua condição; / e antes que tua vida chegue ao fim / terás disso tanto prazer / que teu nome resplandecerá / por muito tempo após tua morte. (versos 490-497).

^{xviii} O início de sua carreira é marcado pelo lirismo de seus poemas, lamentando a morte de seu esposo amado, expressando seu luto e solidão, em várias modalidades poéticas de forma fixa, ao gosto da época. Seus poemas lhe asseguraram um público fiel e a sobrevivência de sua família.